O romance português nas *Viagens* de Almeida Garret

Tatiane Peres Zawaski[1]
Eduardo Pereira Machado [2]

Resumo: O romantismo foi introduzido em Portugal, em 1825, por Almeida Garret, com a publicação do poema *Camões*. Podemos dizer que este período está associado à revolução liberal, época em que os bens da nobreza foram confiscados e as ordens religiosas abolidas. O romantismo foi dividido em três gerações, porém este artigo deter-se-á apenas na primeira, analisando suas características na obra *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, um dos principais autores deste movimento literário.

Palavras-chave: Romantismo - Período Literário - Movimento Literário – Características.

Abstract: Romanticism was introduced in Portugal in 1825 by Almeida Garrett, with the publication of the poem Camões. We can say that this period is associated with the liberal revolution, a time when the goods were confiscated from the nobility and religious orders abolished. Romanticism was divided into three generations, but this article will stop only on the first, analyzing their characteristics on work *Trips in my land*, Almeida Garrett, one of the leading authors of this literary movement.

Keywords: Romanticism - Literary Period - Literary Movement – Features.

Introdução

A primeira geração romântica portuguesa tinha, como principais características, a defesa do nacionalismo, e também do sentimentalismo na literatura. Podemos considerar o nacionalismo como advindo dos abalos provocados pela Revolução Liberal, e o sentimentalismo estando presente como uma forma de expressão da independência intelectual de cada cidadão.

Tufano (1981, p. 151) destaca que estas características nasceram para contrariar a antiguidade clássica, de forma a valorizar as raízes nacionais e os sentimentos populares, fatos não comuns para aquela época. Com a publicação da poesia *Camões*, Almeida Garrett introduziu o romantismo em Portugal, sendo que este foi influenciado pelas novas ideias românticas que contagiavam o país.

---

[1] Graduada em Pedagogia - Orientação Educacional pela ULBRA Canoas/RS, Especialista em Psicopedagogia Clinica e Institucional pela CESUCA Cachoeirinha/RS, Acadêmica do Curso de Letras no Unilasalle Canoas/RS

[2] Orientador. Doutorando em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra. Professor do Centro Universitário La Salle, Canoas – RS (Unilasalle) e da Faculdade Cenecista Nossa Senhora dos Anjos, Gravataí – RS (Facensa).

Garrett era um convicto liberal e teve sua evolução do classicismo para o romantismo através de algumas crises históricas portuguesas, fato que o fez atentar para a complexidade do homem e da sociedade numa época de constantes transformações.

Na obra *Viagens na minha terra,* o autor faz uma viagem de comboio de Lisboa a Santarém narrando os diversos problemas sociais vivenciados por aquela sociedade. Durante esta caminhada, somos contemplados com um rico cenário abrangendo a literatura, a política, a guerra, o amor, assim como o nacionalismo e o sentimentalismo. Todo o conflito romântico presente em seus escritos nos apresentam valores em decadência ou em transformação, e não mais um mundo organizado e racional como era visto pelo classicismo, período anterior ao romantismo.

O romance português: características do romantismo português

Massaud (2008, p.169) descreve que o romantismo corresponde a mais que uma época literária, devendo ser considerado como uma metamorfose, uma revolução histórico-cultural que apresenta uma nova maneira de enfrentar os problemas da vida e do pensamento. Para o autor, nesse período, há uma nova escala de valores, marcada pela posse do dinheiro.

Nesse movimento, o homem volta a sentir-se a medida de todas as coisas, porém de uma forma mais integrada com as artes e a filosofia. Há uma forte tendência ao sentimentalismo e a fantasia, a natureza é o reflexo do próprio “eu”.

O escapismo utilizado por esta escola apresenta-se com a recuperação do gosto por viajar, com vistas a conhecer terras e povos novos que contemplem a paisagem, os monumentos, as civilizações e a cultura de cada local que passa. Há uma intensa busca por lugares exóticos, supervalorizando a natureza. Nas obras, presenciamos a insatisfação com a realidade, em que o artista refugia-se na solidão criando seu próprio mundo.

Esse período também tem como característica um amor, normalmente exagerado e idealizado. Os autores possuíam maior liberdade para escrever, vendo-se como um gênio e rebelavam-se contra qualquer outro modelo de expressão ou criação.

Na primeira geração romântica, objeto deste artigo, é possível perceber que, embora prevaleçam algumas características neoclássicas, o nacionalismo, o medievalismo e o historicismo também estão bem presentes. Destacam os autores Amora, Moisés & Spina (1961, p.90):

> O primeiro "momento" é representado por Garrett, Herculano e Castilho. Cada qual a sua maneira, cada qual com seus prejuízos de formação, escolar ou não, contribuíram para que se definisse o Romantismo em Portugal.

Assim é importante consignar que Garrett, Herculano e Castilho contribuíram com diferentes atuações para este período literário. Seja por motivos temperamentais ou acidentais, os três autores tiveram uma decisiva colaboração na consolidação do romantismo. No entanto, analisar-se-á com mais afinco Almeida Garrett, o autor que aprendeu o ofício de poetizar.

Almeida Garrett: um marco no romance português

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu na cidade do Porto, no ano de 1799, e faleceu em Lisboa em 1854. Estudou Direito na cidade de Coimbra e logo notabilizou-se como poeta, orador e porta voz do liberalismo. Devido motivos políticos, obrigou-se a viver no exterior algumas vezes, sendo que sua primeira obra, considerada marco do romance português, foi escrita e publicada na França.

De acordo com Amora, Moisés & Spina (1961, p.103), Garrett só teve sua evolução do arcadismo para o romantismo com a obra *Folhas Caídas*, pois, até então, todos os seus escritos mantinham características arcádicas. O mesmo autor relatou que o ápice de sua vida literária foi alcançado com *Viagens na minha terra*. A obra apresenta uma oscilação entre a razão e o sentimento (emoção), típicos daquela época. No texto, existe a visão romântica do homem e sua percepção da realidade, estando ambas relacionadas entre si. Para Massaud, com as *Viagens*, Garrett iniciou a modernização da prosa literária em Portugal:

> [...] que o seu exemplo frutificou, basta ter em conta a linguagem, saborosamente inovadora da ficção de Eça de Queiroz. O estilo garretiano liberta-se do espartilhamento clássico, torna-se maleável, rico e plástico faz corpo com as ideias e emoções transmitidas. (Massaud, 2008, p.188)

De permeio, Garrett vai narrando toda sua história, tecendo divagações e comentários acerca de muitos assuntos, os quais aproximam os leitores. Além de fazer-nos viajar diante de toda cultura daquele local, o autor relata-nos a história de amor vivida entre os primos Carlos e Joaninha, nos apresentando um contexto de luta entre o absolutismo e o liberalismo.

As *viagens* de Garrett e as características do romance português

A obra *Viagens na minha terra* é fundamentada por uma viagem que o autor realmente realizou no ano de 1843, a convite do então político Passos Manuel, residente em Santarém. Nesta, é possível claramente evidenciar as características do romance português ter se tornado o marco inicial deste período literário.

As *Viagens* contam com um narrador onipresente, Garrett. Em seu romance vai relatando as peripécias vistas durante o longo caminho percorrido de Lisboa a Santarém, comenta sobre vários assuntos - a riqueza, o progresso, a literatura, a política, a modéstia, a guerra, o clero e o amor - aqui o escapismo, fez-se presente através dos lugares exóticos narrados pelo autor.

O clímax da obra foi certamente sua chegada a Santarém, com a narração da história de amor vivida pelos personagens Carlos e Joaninha, protagonistas de *Viagens*. Analisando-se um pouco mais esse belo e encantador texto do poeta e romancista Garrett, é possível apontar as principais características do período romântico de Portugal.

A primeira delas trouxe a retomada pelo gosto de viajar. Do capítulo primeiro ao décimo, o autor apresentou diversas cidades cujos cenários abrangiam a filosofia, as artes, as ciências, a religião, a moral, a política, os costumes e as relações entre os povos, conforme destaca Massaud (2008, p. 173). Nesse sentido, *Viagens na minha*

terra pode ser considerado um relato jornalístico em que o autor narra suas viagens em torno de diversos problemas sociais vivenciados naquele momento.

> Assim vamos de todo nosso vagar contemplando esse majestoso e pitoresco anfiteatro de Lisboa oriental, que é vista de fora, a mais bela e grandiosa parte da cidade, a mais característica, e onde, aqui e ali, algumas raras feições se percebem, ou mais exatamente se advinham [...] (Garrett, 2012, p.16)

A citação acima comprova a presença do nacionalismo, que aparece também no decorrer de outros capítulos. Naquela época histórica, havia a retomada desta característica, sendo que muitos outros escritores exaltavam o que de melhor cada país possuía, numa espécie de patriotismo.

Garrett também fez críticas à política da época, lembrou as paisagens da sua terra, o folclore e seus poetas prediletos, dentre eles Camões, Goethe, Homero e Dante. Com um pessimismo político, o autor demonstrou, em suas escrituras, as últimas gerações de portugueses que estavam envolvidos por uma mentalidade lucrativista, esquecendo-se do povo. A característica aqui presente é a nova escala de valores com uma maior ênfase na posse do dinheiro.

Na obra, o autor lamentou-se pela deformação da arquitetura histórica de Portugal, fazendo críticas à condição cultural portuguesa que fora incapaz de compreender a tradição e a história que de certa forma foram apagados pelo tempo, conforme exposto no fragmento abaixo:

> Santarém é um livro de pedra em que a mais interessante e a mais poética partes de nossas crônicas está escrita. Rico de iluminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e errendados primorosos, o livro era o mais belo e o mais precioso de Portugal.[...] Mas esta Nínive não foi destruída, esta Pompéia não foi submergida por nenhuma catástrofe grandiosa. O povo, de cuja história ela é o livro, ainda existe; mas esse povo caiu em infância, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuças com elas. (Garrett, 2012, p. 162)

A insatisfação com a realidade também fez-se presente na obra de Garrett, que defendeu a herança do passado, repudiando a nova política que ali se fazia com homens que agora representavam uma mentalidade burguesa invisível. É importante ressaltar que o romancista representou uma cultura burguesa progressista, participou de lutas pelo progresso e pela democracia, porém, demonstrava certo

apego ao patrimônio cultural que, naquele momento, estava sendo ameaçado pelo grande crescimento do capitalismo e da burguesia, o que de certa forma acarretaram na transformação dos valores culturais.

Como todo romance, Garrett inseriu uma história dentro de outra, exemplo disto foi o romance vivido pelos primos Carlos e Joaninha, que teve seu início narrado a partir do décimo capítulo. O hibridismo é muito visível o que dificulta a inserção da obra em um gênero literário específico. O próprio autor não se achava um romancista, e isso é comprovado através de citação abaixo:

> Ainda assim, belas e amáveis leitoras, entendamo-nos; o que vou contar não é um romance, não tem aventuras enredadas, peripécias, situações e incidentes raros; é um história simples e singela, sinceramente contada e sem pretensão. (Garrett, 2012, p. 64)

O caso de amor entre Carlos e Joaninha, que foi descoberto por Garrett através dos rumores de um companheiro de viagem, ocorreu em meio a uma guerra civil. A história iniciou com o autor narrando o trabalho de uma velha cega na porta de sua casa. Ao enrolar a linha, ela chamou a neta Joaninha, e logo o escritor descreveu sobre a protagonista da obra:

> Joaninha não era bela, talvez nem sequer no sentido popular e expressivo que a palavra tem em português, mas era o tipo de gentileza, o ideal da espiritualidade. Naquele rosto, naquele corpo de dezesseis anos, havia por dom natural e por uma admirável simetria de proporções toda a elegância nobre, todo o desembaraço modesto, toda a flexibilidade graciosa que a arte, o uso e a conservação do corte e da mais escolhida companhia vêm a dar a algumas raras e privilegiadas criaturas do mundo. (Garrett, 2012, p. 71)

Tão logo, o romancista inseriu na história outro personagem, Frei Diniz, um homem calado e frio que as visita todas as sextas-feiras. Dentre as conversas do frei com a velha cega, percebemos a existência de um segredo. Após uma discussão de Diniz com Carlos, este partira para Inglaterra, levando consigo muitas mágoas e a certeza de que alguma coisa terrível existia em seu passado estando ligada ao frei.

> Tal era Frei Dinis, homem de princípios austeros, de crenças rígidas, e de uma lógica inflexível e teimosa: lógica porém que rejeitava toda a análise, e que, forte nas grandes verdades intelectuais e morais em que fixara o seu espírito[...] (Garrett, 2012, p.88)

O engajamento apareceu na história através da guerra civil que tomava conta do Vale de Santarém. Foi neste contexto que Joaninha reencontrou Carlos e iniciou seu

triste romance. Carlos sempre fora um homem ambicioso e a distância do Vale só fez mudar seus valores. O rapaz envolveu-se com várias mulheres, mas mantinha um amor por Georgina, moça pertencente à classe média, cuja família era dotada de posses, fator muito valorizado na época em que deixara na Inglaterra.

> [...] longos e ondados anéis de loiro cendrado, que os lânguidos olhos de gazela, que o ar majestoso e altivo, que a fez duma aldura celeste, que o espírito, o talento, a delicadeza de Georgina... (Garrett, 2012, p. 127)

Joaninha sempre desconfiou que seu primo não a amasse, acreditava que ele tivesse alguém, afinal tantos anos haviam passado e muitas coisas transcorrido em todo este tempo. Carlos via a prima como um anjo, uma mulher idealizada e encantadora. Lembrava-se que quando saiu da cidade havia deixado uma menina frágil, mas hoje ao retornar encontrou uma mulher.

> Mas uma criança era a que ele tinha deixado, uma criança a brincar, a colher as boninas, a correr atrás das borboletas do vale... uma criança que, sim, o amava ternamente, cuja sua imagem o não tinha deixado nunca em longa peregrinação, cuja saudade o acompanha sempre, de quem se não esquecera um momento, nem nos mais alegres, nem nos mais ocupados, nem nos mais difíceis, nem nos mais perigosos de sua vida... (Garrett, 2012, p. 125)

Dúvidas e incertezas eram companheiras do rapaz, seus pensamentos voltavam-se a Georgina, uma mulher rica, que para ele estava à altura devido à posição social que ocupava. Durante o romance, percebe-se que há a presença oscilante entre a razão e o sentimento, típicos daquela época. A ambiguidade do texto é muito significativa, uma vez que o autor demonstra a verossimilhança e a credibilidade narrando os fatos ora com sentimentalismo, ora com fantasia.

Após Carlos ferir-se na guerra, foi levado ao mosteiro de São Luiz, onde todos os segredos que pairam no romance são desvendados. A melancolia pesa sobre a obra de Garrett. Joaninha morreu triste sem conhecer o verdadeiro sentido do amor, afinal a carta que lera de seu amado mostrou um Carlos ao qual desconhecia. Georgina seguiu por outros caminhos tornando-se Abadessa e Carlos tornou-se Barão, descobriu que o homem que mais repudiou era seu pai, o perdoou, mas fora viver longe dali cultivando os valores que achava importante.

Ao despedir-se, o narrador saiu à procura de seus companheiros de viagem. Durante toda narrativa, Garrett aproximou o leitor de seus escritos chamando a

atenção por diversas vezes, referindo-se a estes como “amigo leitor”, ”leitor benévolo”, “benévolo” e “paciente leitor”.

> Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? Pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em buscas de histórias para te contar. (Garrett, 2012, p. 252)

Considerações finais

As *Viagens* de Garrett apresentam a singularidade poética que é o romantismo português. Sua narração, que contempla muitos traços modernos, nos mostra o homem como um ser contraditório, muitas vezes escondido por trás de máscaras. A sociedade pôde ser vista como um local de confrontos, onde Dons Quixotes e Sanchos Panças tornam-se protagonistas e são bem documentados pelo autor, com vistas a demonstrar a luta e o reencontro do homem consigo mesmo. Há uma abrangência às tendências opostas em muitas cenas, o que nos faz perceber as peculiaridades romancistas.

Viagens na minha terra retrata o sentimento e a descrença política de uma época onde os personagens Frei Diniz e Carlos representam o positivismo e o absolutismo liberal. O fracasso de Carlos pode ser considerado a representação do fracasso de um país que acabou de sair da guerra.

Durante toda a obra, as características do romance português estão presentes. O autor a descreve evidenciando uma nova maneira de enfrentar os problemas da vida, bem como do pensamento. Uma nova escala de valores é manifestada aqui, a posse do dinheiro é percebível pelas atitudes de Carlos, o protagonista da história.

As *Viagens* são narradas em um texto irônico e moderno, com uma fácil linguagem, que questiona um mundo que pouco oferece respostas. Temos heróis, anti-heróis, protagonistas e antagonistas, o que a torna encantadora e emocionante. Ela pode ser considerada um retrato da vida social portuguesa daquela época.

No enredo, percebemos o simbolismo político e social. O herói da obra, Carlos, é uma pessoa instável, mutante, porém luta em busca de encontrar o seu eu. Na obra de Garrett, há um conteúdo psicológico muito original, o que facilita a análise de cada personagem do enredo.

Referências

AMORA, Antônio Soares; MOISÉS, Massaud & SPINA, Segismundo. **Presença da literatura portuguesa: História e antologia II**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Porto Alegre: L&PM, 2012 MASSAUD, Moisés. **A literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SARAIVA, António José. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura portuguesa**. São Paulo: Moderna, 1981.